

O TRAJO POPULAR NAS ARTES GRÁFICAS

por Manuel Chaves e Castro

Entre as muitas riquezas que Portugal possui nas áreas da Etnografia e do Folclore, está sem dúvida o traje popular, especialmente o traje feminino.

É na mancha geográfica formada pelas Beiras, Douro, Trás-os-Montes e Minho que o número e variedade dos trajes atingem volume significativo, situando-se no Alto Minho os exemplares de maior beleza e de mais aliciante colorido.

Mau grado esta fortuna nacional, quiçá, esta fortuna norte-nha, continuamos sem possuir, do Mondego para cima, o Museu do Trajo Popular Português.

A persistência do saudoso Conde d'Aurora, batendo-se com entusiasmo por esse Museu em Congressos e Colóquios ou na Imprensa; a voz teimosa de outros minhotos e beirões, pregando afinal aos peixes, só conseguiram, isso sim, alertar os senhores lisboetas para, como sempre, descobrirem que o único sítio certo onde deveria implantar-se o Museu do Trajo, era, ao arrepio do bom senso e da boa técnica Museológica, a Macrocéfala Lisboa. E isto aconteceu porque a cidade das sete colinas é onde estão os governantes e deambulam os políticos; porque é a capital do País; porque alberga os centros de decisão das grandes empresas; dos sindicatos; da R. T. P.; da R. D. P.; da Fundação Gulbenkian; enfim de tudo o que DITA LEIS; orientações, fala, dá ima-

gens e dinheiro para todo o resto do território, depois de o receber também do resto do território...

Conseguiram os sulistas, verba, casa e quadro de pessoal para formarem o Museu do Trajo o qual quanto a nós, deveria dar primazia aos trajos eruditos, que muitos possui e por lá ficam bem, respirando o ar poluído da cidade.

É que a maior parte das gentes que nascem ou poisam pelas paragens lisboetas, ao longo da «linha» ou à sombra das chaminés do Paço de Sintra, adoram a erudição e tudo quanto é luxo de salões, ostentação, artificialismo, gestos e modas sofisticados.

Pois que fique a magnífica Lisboa com mais aquele Museu mas deixem-nos a nós, provincianos modestos mas Portugueses autênticos e dos primeiros na constituição da nacionalidade, a simplicidade dum Museu do Trajo Popular Português, que já tarda a nascer. Viana do Castelo é há muito e por méritos próprios e razões indiscutíveis, candidata a recebê-lo. Estamos certos que em parte alguma ele ficará mais bem enquadrado e será mais estimado pelo povo anónimo.

O Governo, decidindo chamar a si uma parte substancial do encargo com a sua instalação, não concederá esmola, que o homem do norte é alérgico a tal coisa, mas reconhecerá um direito que nos assiste e faz um rendível investimento a nível cultural e a nível turístico. Se for necessário poupar verbas orçamentais para conseguir concretizar esta obra, talvez valha a pena não realizar algum espaventoso Congresso ou Festival de pompa asiática, tantas vezes coisas que são, como o povinho diz, apenas para inglês ver e português gozar.

Deixemos porém este tipo de comentários que nos levariam muito longe. Não prolonguemos estes desabafos que acabariam por aborrecer pessoas importantes e sábias, segundo elas próprias de si pensam.

Somente iremos formular algumas perguntas:

1.º — Porque nunca se editou uma colecção de postais coloridos com os referidos trajos, tendo no verso a sua descrição em vários idiomas, como o fez, por exemplo, a Checoslováquia? (lá)?

2.º — Porque nunca se editou uma carta pormenorizada do Trajo Popular Português, como existe há muitos anos no País que acabamos de citar?

3.º — Porque não se organizou ainda, mesmo utilizando publicidade, um diaporama com os nossos trajos populares enriquecido de música, danças, cantares e paisagens de todo o espaço português distribuindo cópias, que são baratas, pelas agências de

viagens; transportadores centros de Portugal no estrangeiro, Embaixadas, Universidades, etc.? Alguém duvida do êxito deste trabalho como chamada de estudiosos da cultura dos povos e até de turistas?

Esperemos que em Lisboa surja uma figura carismática que proclame, durante um almoço em restaurante de luxo, serem estas sugestões da sua autoria e, então sim, passaremos a acreditar que, tal como o Museu do Trajo terão aquelas ideias seguimento imediato, com grupos apoiantes fazendo os gestos dos bonecos movimentados que Bordalo moldou em barro das Caldas.

E agora, abordemos finalmente o assunto da nossa intervenção nas Jornadas do Folclore do Alto Minho.

Das variadas rubricas que constituem os estudos do Folclore é sem dúvida o Trajo uma das que maior interesse despertou entre os estudiosos; no meio do grande público; e, curiosamente, no seio das elites europeias dos séculos XVI a XIX.

Mas talvez pouco se tenha pensado que se deve às artes gráficas não só a sua divulgação como também a contribuição notável para o seu estudo ao longo dos tempos.

Outrora era difícil viajar mas, tal como hoje, existia o desejo de conhecer outras paragens, as gentes que lá viviam, os seus hábitos, a sua maneira de falar e de vestir.

Porque as deslocações eram quase proibitivas, recorria-se aos desenhos que alguns artistas divulgavam e vendiam, graças às possibilidades de viajar por distração, para comércio ou a percorrer países estrangeiros integrados nas tropas, nesses tempos constantemente envolvidos em luta.

E esta moda do viajar no papel por parte dos que ficavam, nascida antes mas desenvolvida em grande escala depois da descoberta da imprensa e consequentemente da gravura, veio tornar mais fácil a pesquisa do Trajo Popular.

Até aí podia recorrer-se à pintura, à escultura, à cerâmica: muitos testemunhos ofereciam. Igualmente os inquéritos junto das populações eram um processo para a descoberta das maneiras de vestir dos homens e mulheres. Só que o acesso às fontes indicadas em primeiro lugar era complicado e a procura de informações nos locais onde se pretendia saber alguma coisa sobre o traço era também complicada por vários motivos. Neles se incluem os custos e dificuldades das viagens; a desconfiança, timidez e até agressividade, naturais dos povos dos meios rurais perante o estudioso desconhecido; a confusão que muitas vezes se estabelece baseada na ignorância daqueles que prestam as informações com a melhor boa vontade, diga-se em seu abono.

Daqui que a reprodução dos trajos, por desenho, primeiramente só de traço e depois colorido, divulgada através de gravadores, viesse trazer a extraordinária ajuda aproveitada, por preciosa, até aos nossos dias, tal como será nas gerações futuras.

Mas vamos a um breve relato de como evoluiu a divulgação do Trajo Popular através das artes gráficas e quando e como se deu o aparecimento do Trajo Popular Português nessas imagens que correram mundo.

As primeiras estampas sobre Portugal tudo indica que apareceram saídas das mãos e oficinas de artistas estrangeiros, cerca de 1599, integradas num conjunto nascido na cidade alemã de Colónia, com o nome de «Civitas Orbis Terrarum», ali se integrando «vistas» de Coimbra, Braga e Lisboa. Estas estampas fazem parte igualmente de uma nova edição datada de 1618 e oriunda de Bruxelas, com o título «Théâtre des principales villes de tout L'univers».

Desde já, como nota para nós nada agradável, começa a verificar-se que o norte é menos contemplado nas obras dos artistas divulgadores das belezas da Europa de Lisboa e arredores. Já assim era há séculos...

Além da zona lisboeta campeã das suas observações, poderão contar-se como merecedoras de um pouco mais de atenção as cidades de Coimbra — importante núcleo universitário e, em menor escala, Braga — dado o seu peso religioso.

Mas, introduzida esta nota explicativa, continuemos na breve análise que, ao jeito de alertar para estudos aprofundados da matéria, resolvemos apresentar.

Sabe-se que foram vários os estrangeiros que através dos tais albuns com base no desenho, se interessaram na divulgação de Portugal e, o que mais conta para nós, da maneira de trajar do seu povo.

Para sermos breves, daremos exemplos quase de forma esquemática: No século XVI, surgem os nomes de Hoefnagel e Ortelius; No século XVII, os de Kieser e Meisner. No século XVIII, publica-se uma obra com estampas da zona norte do continente português, mais concretamente — Braga, a vila fronteiriça de Almeida e Coimbra, sendo a sua autoria atribuída a Coronelli, cuja vida se situa entre 1732 e 1781.

Foi exactamente neste século XVIII que teve início a grande divulgação das paisagens e dos trajos populares através de gravuras em madeira, ferro, cobre e prata.

Em 1718, Peter Van den Berge, apresenta uma estampa de Coimbra com figuras de camponeses um tudo nada mal definidas no trajar.

Em 1787, William Beckford, desenha Portugal, o mesmo tendo feito em 1789-1790, James Murphy, figurando no seu album de gravuras as províncias de: Entre-Douro e Minho, Beira e Estremadura, logo seguida de outro trabalho seu denominado «Visitas de Portugal», datado de 1798, onde se pode apreciar um Trajo da «Mulher da Beira».

Não só de Trajos Portugueses se recheia, como é óbvio a Europa do século XVIII, através dos seus incansáveis gravadores. Paris, vê aparecer em 1792 um autêntico roteiro turístico, denominado «Voyage dans les departements de la France», sendo os dois autores desta requintada obra gráfica La Vallée e Louis Brion. Nos seus treze volumes deparamos com preciosas gravuras em cobre com trajos populares dos diferentes departamentos em que se dividia o território francês.

Também data do século XVIII a impressão de cartas dum jogo da região Suiça-Alemã nas quais se pode apreciar um casal, supomos, de vindimadores, trazendo a mulher, às costas, dentro dum recipiente que parece ser de madeira, feito em aduelas, o filho pequenino.

Chega finalmente o século XIX e com ele uma verdadeira avalanche de documentos saídos das oficinas gráficas reproduzindo trajos populares. É tal a sua quantidade que não nos atrevemos senão a dar ligeiros tópicos focando um ou outro que julgamos de maior interesse e que chegaram ao nosso conhecimento.

Entre esses parecem-nos notáveis as edições de Manuel Godinho, oriundas de Lisboa e com trabalhos que viram a luz das bancas de venda em 1806. Autores desconhecidos, sob as iniciais de I. N.C. e M. G., publicam uma curiosa colecção de estampas em 1809. O Reverendo William Bradford, em 1808 havia escolhido para reproduzir, trajos militares mas, conjuntamente com estes, acabou por reproduzir os do povo que acompanhava as cenas em que os militares tomavam parte em Portugal. Henry L'Evêque abalança-se a uma edição cuidada sobre o continente Português saída em Londres em 1812. Caldell e Davis Strand, com desenhos de Landeman, aparecem em Londres, em 1813, com setenta e cinco águas tintas onde se incluem aspectos de Ponte de Lima, Douro e Coimbra. Em 1815, Charles Turner grava, também em Londres, estampas sobre Portugal com desenhos do tenente coronel Sant Claire, e uma colecção editada na capital de Inglaterra, no ano de 1828 contém numerosos trajos do nosso povo, entre eles os de Foz de Arouca, povoação do concelho da Lousã, no distrito de Coimbra. É interessante o aparecimento de pequenos lugares como este nas estampas de autores estrangeiros. Geralmente isto fica

a dever-se à passagem de tropas nas quais se integravam os artistas desenhadores.

No famoso Portugal Pitoresco, Barclay (1831) apresenta litografias de desenhos que pecam por erros de reprodução dos traços que viu aos quais não teve o cuidado de dar a sua fiel imagem. Em 1832 e 1835, sabe-se terem aparecido em Lisboa duas colecções de costumes populares num total de vinte números. Já em 1834, se garante ser da autoria de Miss Pardoe, uma edição sobre tradições portuguesas baseada em desenhos de Miss Kearsley. Quatro anos depois, 1838, sai nova colecção de estampas, cabendo a responsabilidade da sua edição a Hollande e Goodall.

Pertence a Haghe a paternidade de um conjunto de litografias nascidas em 1839. Porém, para nós nortenhos e creio que também para a maioria dos interessados na matéria, é o lançamento do volume editado em Londres, também em 1839, tendo como responsável da edição o nome famoso de George Vivian que, francamente, mais entusiasma.

É ele que nos contempla com imagens de Valença do Minho, Vila do Conde, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Região Douriense e Coimbra.

Depois é Olivier Merson que desenha, aliás muito bem, traços populares portugueses, passados de seguida a gravura e editados em 1857.

De 1865, conhece-se uma famosa estampa a preto-branco, gravura em madeira, desenho desse Olivier Merson e gravação de Roland Brunier. Reproduz a igreja de Santa Cruz, de Coimbra e nela se podem ver três espectaculares traços da Região. Foi publicada esta gravura no «Magazin Pittoresque».

No ano de 1879, o gravador Penoso, lança no mercado uma gravura em madeira sob desenho de Macedo, com um traje de camponesa do Baixo Mondego. De novo, em 1881 executa outra gravura cujo desenhador é o mesmo Macedo, com duas camponesas e uma criança atravessando o rio. O traço vigoroso e o movimento das figuras, bem como o traje da criança, merecem especial atenção.

Em 1889, o número 8 do «Jornal Para Todos», editado na tipografia de M. C da Silva, em Coimbra, publica uma gravura do Lallomand, intitulada «Mulher do Minho», que nos parece ser um traje do concelho de Valença, reproduzindo desenho de Casanova.

A gravura ocupa as duas páginas centrais daquele jornal mostrando assim a importância dada ao motivo apresentado, podendo-se ler no mesmo jornal um comentário à figura reproduzida, francamente elogioso e bem merecido pela Mulher Minhota.

Nesta innumeração de nomes e autores que nos legaram documentos sobre o Trajo Popular, parece que fomos demasiado áridos na maneira de expor os resultados dos nossos estudos. Com vista a desanuviar o ambiente onde é capaz de já pairar o sono, uma nota curiosa que talvez faça sorrir. É o caso de Pearson que ao abrir em madeira de 1874, uma belíssima estampa da igreja de Santa Cruz de Coimbra e, quiçá, por ter há pouco viajado por Espanha fez imperdoável confusão para o nosso orgulho de Portugueses e vestiu as figuras de mulheres com que enriqueceu o largo em frente à igreja, com fatos espanhóis. Bem ao contrário, numa gravura que fez da Torre dos Clérigos do Porto, os Trajos dos figurantes no quadro estão correctíssimos.

Já citamos, em tempo, no nosso texto, casos de representações gráficas de trajos populares de países estrangeiros. Referimo-nos então à França e à Suíça Alemã. Agora que abordamos as Artes Gráficas e os trajos populares no séc. XIX, a mesma França nos fornece valioso contributo para a nossa investigação. Para além de litografias de Jacottet; os desenhos de Enet; em 1830, sobre o velho Departamento de Auvergne e os desenhos de Fonfreid, Maurice Busset e Delay, chamamos as atenções dos interessados e dos simples curiosos nestes estudos de trajos populares e nas colecções de curiosidades gráficas a eles ligados, para a gravura de uma das primeiras páginas da obra «O Capital», de Carl Marx, editada em Paris em 1875.

Na referida gravura em cobre, que parece ser da autoria de Catenacci, aparecem numa praça da capital da França várias figuras populares com os seus trajos típicos.

A Suíça dá-nos também mais uma vez a reprodução de trajos populares e fá-lo, por exemplo, no frontespício dum jornal de caricaturas titulado «Lanterna Mágica», vendido em Berna no ano de 1840.

D. A. Schmid, que viveu neste país de 1791 a 1861, foi autor duma aguarela publicada no album de gravuras saído a público no século XIX, denominado «Passos dos Alpes Suíços». Deste album faz também parte uma delicada litografia colorida à mão da autoria de George Barnard. Em qualquer das reproduções o traje popular da Região é tratado com pormenores.

Em 1889, ainda na Suíça e com vista a propagandear as Festas das Vindimas que decorriam anualmente e creio que ainda existem, em Vevey, foram impressos litograficamente a três cores, guardanapos para uso nos restaurantes, cujo motivo central era um casal com trajos de vindimadores. A sua edição sabe-se ser duma Litografia de Neuchatel.



«Mulher do Minho»

aguarela de Manuel Macedo — Lit. a cores da C.^a N.^a Editora,
no «Album de Costumes Portugueses» — ed. de David Corazzi - 1888

(rep. fot. de F. L. de Vasconcelos)



«Traje de Viana do Castelo»

aguarela de Manuel Macedo — Lit. a cores da C.^a N.^a Editora,
no «Album de Costumes Portugueses» — ed. de David Corazzi-1888

(rep. fot. de F. L. de Vasconcelos)

Deste século que antecedeu aquele em que vivemos, e quase a terminar, possuem os colecionadores estampas populares russas, em gravura, representando danças típicas e tendo como legenda por baixo da mancha da gravura, o texto das canções que os dançadores cantavam. Nos nossos dias há quem imite tal ideia. Em França podem comprar-se postais em cor, com imagens de danças populares, vestindo os seus intervenientes trajos típicos como os russos, bailando ao som de antigos instrumentos musicais. No próprio postal e aberta na mancha de cor, a letra da canção que o grupo dançava.

A Itália não foi, como não podia deixar de ser, excepção a esta divulgação dos trajos populares através das artes gráficas. No século XIX, a que nos vimos referindo saíram das oficinas gráficas italianas centenas, sem exagero, de estampas onde o traje aparecia com o maior destaque.

Apenas como exemplo e muitos poderia dar, cito um grupo de quatro litografias coloridas, representando o padeiro; a vendedeira de ervas; o vendedor de vassouras e a lavadeira, tendo como fundo, devidamente identificados, aspectos do aglomerado urbano, ou monumentos destacados.

Durante os cem anos que mediaram entre 1700 e 1899, mais precisamente de 1820 a 1830, nasceu, como se sabe, a arte da Litografia na Alemanha.

Com o aparecimento deste processo de reprodução de originais saídos das mãos habilidosas de artistas plásticos e depois das dos fotógrafos, mais se divulgaram as estampas com trajos populares e com mais fidelidade de cor foram surgindo. Portugal desta vez está atento e lança-se com entusiasmo nesta actividade em que Alemães, Belgas e Ingleses se haviam antecipado. Entre nós, o célebre Joubert, Jorge Bekkester de seu nome verdadeiro, lança a sua colecção de trajos entre 1825-1830. Nela passam em luzida parada tipos da região de Barroso; de Ovar; de Coimbra e de Condeixa mas, infelizmente, só esses da zona Norte. Em 1838, é o português A. Lemos que nos brinda com imagens onde o povo aparece na beleza do seu simples trajar. Logo vem a obra de Lopes Junior, em 1840, seguida do trabalho apresentado em Lisboa por um grande editor de nome Macphail, nos anos de 1841 e 1842.

Nas figuras que escolheu estão presentes os trajos nortenhos de Valongo, Porto, Gaia, Terras da Feira, Ovar, Murtosa, Pardilhó e Coimbra.

Em 1853, surge anunciada a venda de uma colecção bastante completa de trajos populares. O seu editor, que nomeou agentes

para angariação que compradores em toda a região do norte, chamava-se Palhares.

A representação do espaço a Norte do Mondego está confiada aos trajos do Minho, Soajo, Molelos, Matosinhos, Porto, Albergaria-a-Velha, Covilhã, Ovar, Murtosa, Aveiro, Ílhavo, Província da Beira Baixa, Figueira da Foz e Coimbra.

Mas não pára por aqui a divulgação dos trajos populares portugueses, como não parará no estrangeiro a divulgação dos trajos das suas populações que haviam vivido em épocas passadas. O ano de 1876, segundo penso, assistiu ao lançamento da edição de luxo pela casa «A Editora», das «Pupilas do Senhor Reitor» e nessa edição sobressaem lindíssimas litografias baseadas em aguarelas de Roque Gameiro, filha do grande aguarelista conhecido pelo mesmo nome e que havia deliciado os seus contemporâneos, com encantadores postais com trajos.

Neste último quartel do século, 1886 o Minho Pitoresco publica Litografias de Guedes, sobre desenho de Almeida. Também David Corazzi editou no mesmo ano de 1886 uma colecção de trajos desenhados por Macedo a um album intitulado Costumes Portugueses.

A este artista se juntam, sem receio de os agrupar, os nomes de Alberto de Sousa; Cláudio Bastos, Matos Sequeira; Martim Maqueda (nos seus delicados desenhos à pena); Tomás de Melo (Tom) e Zé Penicheiro, estes dois nas interpretações caricaturais dos trajos populares); sem esquecer, por falar em caricaturas e sem preocupação de ordem cronológica, um ou outro desenho divulgado pela imprensa da época, da autoria do Ramalho Ortigão, principalmente nas suas troças à política nacional.

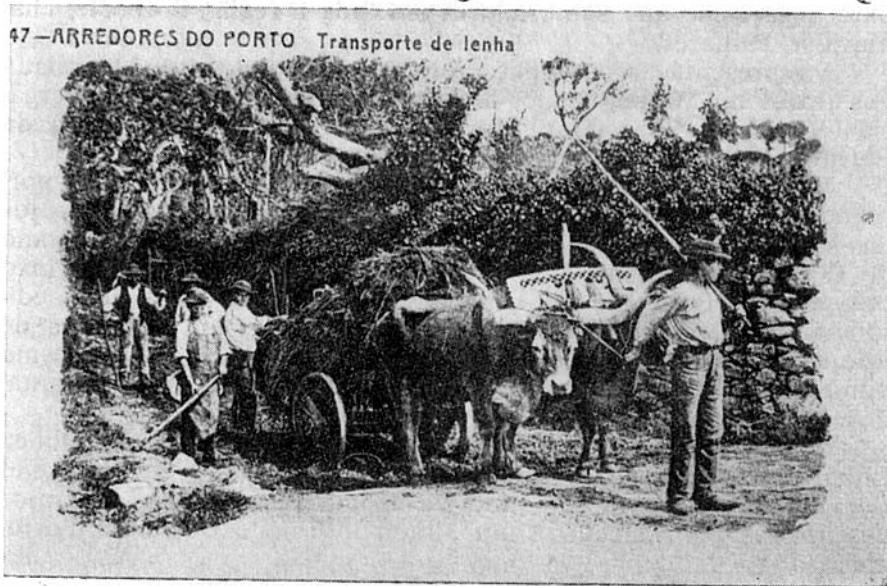
No nosso século e na época de 40, a Biblioteca Nacional editou diversos motivos entre eles um desenho de Viana do Castelo, feito para Cosme de Medicis, numa das suas passagens por Portugal.

Ao longo do nosso apontamento falámos especialmente de albuns de viagens, tocando ao de leve as estampas soltas, as cartas de jogos, os jornais, as ilustrações de livros célebres, elementos de propaganda turística e, apenas uma vez, os postais ilustrados.

Pois é através de postais ilustrados, agora tão na moda de coleccionar como acontecera há 83 anos, que macissamente se divulgaram os trajos populares até aos nossos dias.

No século passado e princípios do que decorre foi o desenho, a pintura e a gravura a base do maior número dos exemplares conhecidos.

Uma gama enorme de processos como o traço apenas defi-



Fotog.-reprod. a Preto/Branco com
aguada Rosa - Postal de 1922

(rep. fot. de Galvão Boamorte)

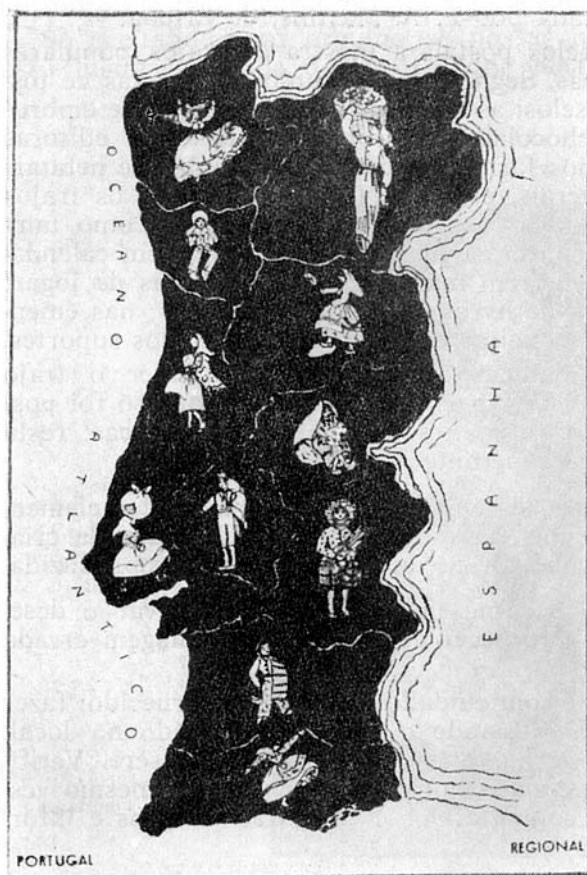


Calendário de Bolso — Lit. a cores do séc. XX

Rep. fot. de Galvão Boamorte

*Gravura-Ilustração do I vol.
do livro «Contos Tradicionais
Portugueses» de Carlos de Oli-
veira e José Gomes Ferreira.*

Desenho de Maria Keil - 1957



*«Cartão Boas Festas»
Lit. a cores - século XX
Rep. fot. Galvão Boamorte*

nindo a figura; a cor, enriquecendo o desenho; a aguada, valorizando-o; o relevo dado por vários processos, como através de cunhos, ou pela colagem de tecidos, enfim, um mundo de soluções encontradas pelos editores e maravilhosamente conseguidas pelos artistas gráficos, que aliciavam à compra e hoje encantam os nossos olhos cansados do vulgar.

Depois veio a fotografia e essa, de início, ainda a preto-branco, por vezes colorida à mão. Por fim, com a fotografia a cores surgiu a possibilidade da reprodução com total fidelidade da cor dos tecidos, do calçado e dos adereços usados nos trajos. Atingem então as edições de postais quantidades gigantescas e uma consequente imensa divulgação dos trajos que neles figuram.

Dessas edições de postais consideramos como curiosidade não só aquela que foi feita pela firma Stengel & C.^a em Dresden, na Alemanha, como a editada por F. A. Martins, de Lisboa.

Não pára porém pelos postais a mostra de trajos populares através das artes gráficas. Segue com os rótulos das caixas de fósforos e as carteiras; os selos; as capas de discos; o papel de embrulho; os envólucros de chocolates; a propaganda de casas editoras de discos; de laboratórios farmacêuticos; de máquinas de nefatar; de tinta; de águas minerais, etc., etc. (Aparecem, aliás os trajos com e sem verdade, nesses casos que enumeramos). Como também nas capas de livros; em cartões de Boas Festas; em calendários de bolso e de parede; em mata-borrões; em cartas de jogar; em ilustrações de textos de livros de contos populares; nas ementas; enfim de inúmeras maneiras e com os mais variados suportes.

Encontrados pelo homem que pretende aprender o trajo popular duma região ou dum país, os documentos que só foi possível existirem graças à força e saber das artes gráficas, resta tomar algumas precauções perante eles:

1.º — A imaginação do desenhador; a deformação dos elementos que tomou, para depois fazer o desenho; a liberdade da criação artística, podem conduzir ao erro da estampa reproduzida.

2.º — A ignorância ou a má informação podem levar o desenhador ou o fotógrafo a fornecer ao gráfico uma imagem errada do trajo a reproduzir.

Há pois que analisar com cuidado o que nos é fornecido; fazer estudos complementares, situando o trajo reproduzido no local, na época, no trabalho ou na cerimónia em que se insere. Verificar se não há mistura de peças que não pertençam ao mesmo vestuário fazendo estudos comparativos com outras imagens e informações.

Se essas precauções forem seguidas, então sim, teremos nas artes gráficas uma valiosa ajuda na pesquisa do traje popular, tão rico, tão digno, tão belo, tão respeitável, tão demarcado de região para região, de país para país.

Aprendamos a amá-lo e a conservá-lo como herança preciosa que recebemos e queremos deixar também àqueles que nos sucederem. Não vendamos ao estrangeiro que tanto nos tenta com a sua moeda forte. Vender um traje é como vender um pouco da nossa pátria, da nossa alma, da alma dos nossos antepassados.

Não o usemos como costume carnavalesco nem nos sirvamos dele como vulgar atracção de turistas, integrado por vezes nos programas de boites nada recomendáveis.

Mal do país que não entende a linguagem das suas tradições, que sobre ela não medita, que os seus ensinamentos não respeita.

Só aceitando com orgulho as nossas origens; só sabendo a nossa história; a vida do povo a que pertencemos; só sabendo



*Anúncio
de Chocolates
Regina*

*(com Sargaceiro
do Neiva)
Século XX*

como se distrai, como sofre, como crê, como veste, como trabalha, só amando os nossos irmãos pobres e ricos; cultos e menos cultos, seremos dignos de continuar como nação livre, plena de dignidade e de riqueza moral.

Ao findar esta minha palestra eu quero aproveitar para prestar mais uma vez a minha homenagem e exprimir a minha admiração aos artistas gráficos deste meu país com quem tenho sempre lidado com muita amizade e sã camaradagem. Para eles o meu abraço de gratidão pelo muito que todos os dias usufruo do seu esforço e técnicas, humildemente escondidos aos olhos do grande público.